

Blaise Pascal e a transcendência: uma reflexão acerca da condição humana em saúde

BLAISE PASCAL AND TRANSCENDENCE: REFLECTION ON HUMAN CONDITION IN HEALTH

*Ivna Maia Fuchigami**

*Viviane Cristina Cândido***

RESUMO

Homem da ciência, o autor de *Pensamentos* procurou dar um sentido religioso às doenças que o acometiam, contudo, mais do que ligar-se a uma transcendência que o auxiliasse a superar as dores sem desespero e atribuição da culpa a Deus, Pascal se debruçou sobre a condição humana, pensando o ser humano como um ser de mistério, egoísta e, acima de tudo, insuficiente. Não se trata de pensar se o filósofo francês buscou a religião por conta da doença ou se pensou de determinada maneira por conta dela, pois, ele foi além disso, visto que a condição humana, em seus inúmeros vieses, norteou suas reflexões traduzindo-se numa antropologia que compreende o ser humano como contingente e, em sua insuficiência, passível de dor e sofrimento, o que pode fundamentar uma filosofia da saúde capaz de oferecer referenciais para a reflexão no campo das ciências, do cuidado e da assistência em saúde. PALAVRAS-CHAVE: Blaise Pascal; Condição humana; Doença; Sofrimento; Filosofia da saúde.

ABSTRACT

A man of science, the author of *Thoughts* sought to give a religious meaning to his diseases. However, more than attach himself to some transcendence that might help him overcome the pains without despair and without blaming God, Pascal dealt with human condition. He considered human being as of mystery, selfishness and, above all, insufficiency. It is not just about to consider if the French philosopher sought religion due to his diseases or if he thought in a certain way due to them. He went beyond that. Since human condition, in its several aspects, guided his thoughts by resulting in an anthropology that considers human being as contingent and, in his insufficiency, is submitted to pain and suffering, that makes possible to lay the foundations of a philosophy of health able to provide references to a reflection in the field of sciences, health care and health assistance.

KEYWORDS: Blaise Pascal; Human condition; Disease; Suffering; Philosophy of health.

* Doutora em Ciências da Religião, área Linguagens da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde – UNIFESP/CNPq. Professora da Faculdade Messiânica – São Paulo, Brasil. imfuchigami@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-0393-9091>

** Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestrado em Educação, graduada em Filosofia e Pedagogia. Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>

Introdução

Quando se propõe a fazer uma reflexão sobre o pensamento de Blaise Pascal (1623-1662), é comum pender-se ou para o teológico ou o científico, como se estes termos fossem excludentes entre si. Pascal foi ambas as coisas, uma vez que se preocupou com a condição humana, objeto de especulação, reflexão e análise de filósofos, escritores, dramaturgos, teólogos, sobretudo os do século XVII, período em que o autor de *Pensamentos* viveu. Sua antropologia compreenderá o ser humano como um todo e convergirá para o mistério da existência humana, e essa abordagem afasta o risco de se cair na mencionada dualidade.

A época de Pascal é o Classicismo. Passada a segunda Renascença, permanecerá a preocupação em se conhecer o homem e a introspecção. Após toda a euforia da liderança da Espanha pelos mares e a era de Elisabeth I, surgirá um período caracterizado, segundo as palavras de Afrânio Coutinho, ao situar a obra de Machado de Assis, que, por sua vez, também era leitor de Pascal, pelo “gosto moralizante, ora no sentido da observação psicológica dos caracteres, ora na pesquisa das regras da vida” (1940, p. 3).

O Classicismo foi um período cuja literatura tem raízes na Antiguidade greco-romana. Em outros termos, ocorrerá um aprofundamento dos textos literários e filosóficos, estudados nas escolas. Sua primeira característica refere-se à reutilização do conceito de mimésis, isto é, a poesia devia imitar a perfeição da natureza ou da sociedade ideal. Uma segunda característica: o universalismo, em que é necessário criar a realidade cir-

cundante naquilo que ela tem de universal. A terceira é o racionalismo, que submete as emoções dos autores clássicos ao controle da razão. Aqui é importante destacar que Pascal vai discorrer longamente sobre a razão em *Pensamentos* e uma frase que ele escreveu sintetiza bem a ideia que ele fazia sobre a razão: “Dois excessos: excluir a razão, não admitir a razão” (PASCAL, 1967, p. 44). No século em que Blaise Pascal viveu, segundo Coutinho:

(...) O estudo do homem despertará tôda (sic) uma vasta literatura de memórias, máximas, retratos, com uma precisão e um vigor científico, ainda hoje admirados pelos espíritos mais exigentes do realismo. Tôda (sic) uma preocupação psicológica, de análise de caracteres, estados de alma e temperamentos individuais que se estenderá pela arte dramática e até mesmo pela filosofia, dá ao espírito geral do século uma fisionomia de inventário sereno e imparcial das paixões, dos sentimentos, dos conflitos psicológicos. (COUTINHO, 1940, p. 101-102).

Blaise Pascal, nas palavras de Jacques Attali, em seu livro *Blaise Pascal ou le génie français*, refletiu sobre a condição humana, realizou descobertas científicas, teve iluminações místicas e continha *ardor panfletário*. As reflexões pascalianas para Attali “formam formidáveis fogos de artifício de inteligência e de fé, de amor e de solidão, de esforço e de milagre, de humildade e de orgulho, de glória e de perseguição em que o brilho da língua francesa se encontrou em sua melhor forma” [tradução nossa]. Destaca que a época de Pascal descortina um cenário em que surgem La Fontaine, Molière, Racine, Boileau, La Rochefoucauld, só para citar alguns. (ATALLI, 2000, p. 13).

Ainda conforme Attali, será nesse período que se evidencia uma verdadeira guerra entre ciência e religião, os príncipes e o rei, as províncias e o Estado, a economia e a política, o universalismo e o particularismo, a liberdade e a predestinação, o orgulho e a submissão, a propriedade coletiva das almas e a autonomia dos corpos, o barroco e o clássico, a língua e a censura, a verdade e a calúnia. (2000, p. 13). [tradução nossa].

Ao mesmo tempo que o autor dos *Pensamentos* se destaca por ser teólogo e filósofo, ele, aos 12 anos, descobre a matemática; aos 16, redescobre a geometria projetiva; aos 19, cria a primeira calculadora; aos 23, inventa a física experimental, calcula o peso do ar, cria a prensa hidráulica e derruba a milenar teoria de que a natureza teria horror ao vazio. Aos 28, inventa o cálculo das probabilidades. Aos 30, cria o jornalismo polêmico.

Paralelamente, Pascal escreverá sobre a condição humana, as relações entre a ciência e a fé, a liberdade e a imaginação, a felicidade e a compaixão, o poder e a força. Isso tudo “com a obsessão de desvendar, classificar, explicar as causas escondidas das mais insignificantes mesquinhas humanas como grandes fatos” (ATTALI, 2000, p. 15) [tradução nossa].

O pensador foi um dos primeiros a fazer da insuficiência da condição humana o ponto vital do comportamento dos grupos sociais e apontou que o medo da morte leva o ser humano a escapar dela, recorrendo à distração (*divertissement*) e à indiferença. Por constatar a pequenez e as limitações humanas e conscientizar-se de que o afastamento de Deus é que contribui para a miséria humana, ele soube manter-se fiel às pesquisas que realizou, mas também abraçou o Transcendente.

Convém esclarecer que *divertissement*, cujo sentido se refere à ação de divertir-se, não se limita ao entretenimento, mas ao ato de, durante a guerra, desviar de inimigos, manobras estratégicas. Consoante Luiz Felipe Pondé, em *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*, o termo “carrega essa duplicidade interna: desviar de obstáculos indesejáveis, divertir-se, lazer”. (2014, p. 7).

A conscientização de que a vida humana é permeada de sofrimento, doença, queda, preocupações, derrotas, seria o fiel da balança que consegue fazer com que fé e razão caminhem juntas em Pascal. Homem de saúde frágil, sempre entendeu a doença como possibilidade de superação da condição de miséria a que estamos fadados como seres humanos. Sendo a doença algo fora de nosso controle e, justamente por isso, prova de nossa condição humana e não divina, seria ela também a possibilidade de nos darmos conta de nossa insuficiência e da insuficiência da razão. Este reconhecimento seria o caminho para Deus.

Em sua *Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças* (2021), o homem doente, no silêncio e na solidão de seu quarto, agradece a Deus por ter lhe tirado a saúde, reconhecendo que não soube prezá-la e que a doença será para ele o caminho de sua volta para Deus. Talvez possamos afirmar que um dos possíveis motivos pelos quais a fé e a razão não se contrapõem em Pascal é porque o filósofo e cientista soube fazer das doenças que o acometeram um lugar de reflexão teológica e filosófica, sempre guiado pelo compromisso, o respeito e o acatamento da vontade divina.¹

¹ Vale notar que Friedrich Nietzsche (1844-1900), admirador de Pascal, sem levar em con-

Embora Pascal tenha assumido o cristianismo, gostaríamos de sugerir que, por se debruçar sobre o mistério da existência humana em termos teológicos, praticou a espiritualidade, vendo o ser humano como um ente composto de exterioridade e interioridade, sem fazer uma dicotomia. Em outras palavras, vemos em Pascal o homem cristão, mas não o rotulamos e, com isso, não o reduzimos a uma perspectiva institucional da religião, e sim, reconhecemos a força da espiritualidade que lhe permitia ver tão claramente a miséria humana e, ao mesmo tempo, não se perder nela.

Pascal vai pontuar a insuficiência sem ficar preso à angústia da miséria. Ele vê na insuficiência uma possibilidade de acesso ao divino. Para que esse processo seja bem-sucedido, é importante assumir a insuficiência “pela submissão espiritual a ela na prece humilde pela graça” (PONDÉ, 2014, p. 247).

1. A antropologia pascaliana

Luiz Felipe Pondé, que se dedicou ao estudo da antropologia pascaliana, aponta a insuficiência como seu conceito central e assim a define: “a idéia (sic) de insuficiência descreve claramente o horizonte do homem como dependente – dependência positiva, de algo que carrega a identidade ontológica essencial do homem – com relação a um registro que não faz parte de sua natureza empírica” (2014, p. 20).

ta a transcendência, uma vez que criticava o posicionamento religioso do filósofo francês, igualmente reconhecerá esse lugar da doença: “Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor do instinto de decadente – esse foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso.” (2008, p. 22).

A insuficiência humana poderia ser conceituada como um resultado da queda adâmica (a desobediência do primeiro homem – Adão –, que culminou em sua expulsão do jardim do Éden, o que lhe acarretou trabalho, dor, tristeza e morte), como um produto da vaidade, da concupiscência, do afastamento de Deus. O ser humano é insuficiente porque, na perspectiva do filósofo, existe a problemática da desproporção. Em que consiste esta desproporção? Pascal se propõe, nas palavras de Pondé, a “localizar o homem no topo da criação e apontar sua infinita desproporção em relação ao restante da criação” (PONDÉ, 2014, p. 186).

A condição humana sempre foi uma preocupação dos mais diversos campos do conhecimento: literatura, arte, filosofia, teologia. E Blaise Pascal não ficou indiferente a ela, que se descortinava diante de si. Via o ser humano como alguém cuja baixeza é a busca pela glória, ao mesmo tempo, acreditava que a grandeza humana pode manifestar-se desde que o homem se reconheça miserável.

O ser humano, conforme Pascal, está sempre tentando equilibrar-se entre a razão e as paixões, a grandeza e a miséria, a fraqueza e o Nada. Há, na obra *Pensamentos*, na seção VI, no maço 381, uma reflexão pascaliana que mostra esse desequilíbrio que insiste em permear a vida do ser humano e suas relações:

Se somos jovens demais, não julgamos bem; velhos demais, da mesma maneira. Se não sonhamos suficientemente, se sonhamos em excesso, nós ficamos obstinados e nós só temos essa ideia na cabeça. Se consideramos sua obra incontinenti, depois de tê-la feito, estamos ainda totalmente prevenidos; se muito tempo depois, não entramos nela mais. Assim, os quadros vistos de muito longe e de muito perto; e só há um ponto indivisível que seja o verdadeiro lugar:

os outros são demasiadamente perto, demasiadamente longe, demasiadamente altos ou demasiadamente baixos. A perspectiva a designa na arte da pintura. Mas na verdade e na moral, quem a atribuirá? (PASCAL, s/ data, p. 502-503).
[tradução nossa]

O ser humano em Pascal será o centro de sua filosofia. Nesta, à grandeza do ser humano se contrapõe a miséria da condição humana. E essa miséria está presente na existência de todos e todas. Antonio G. da Silva em *Pascal: cientista e filósofo místico*, escreveu: “Segundo Pascal, os princípios de verdade, ou seja, a razão e os sentidos, carecem de sinceridade e se enganam mutuamente. Excluindo a razão científica e colocando-se diante dos próprios comportamentos morais, o homem descobre sua miséria em toda a sua evidência.” (2012, p. 47).

O autor de *Pensamentos* vai ressaltar a miséria ontológica da condição humana. E em que consiste essa miséria? No fato de que a grandeza do homem se constitui igualmente no fato de ele se ver como um ser instável, impotente e miserável. Não obstante, quando o homem se reconhece como um ser miserável, se conscientiza de suas limitações e tenta superá-las, recupera sua grandeza e dignidade.

Vincent Carraud, na obra *Pascal: des connaissances naturelles à l'étude de l'homme* (2007) discorre sobre as duas antropologias de Pascal. Na primeira, o ser humano é um paradoxo ou um sujeito de contradições no qual se reúnem ao mesmo tempo grandeza e miséria (p. 237). Tais contradições dizem respeito à miséria e à dignidade do ser humano, o que define adequadamente a natureza dupla. O homem é baixeza e grandeza, miséria e grandeza.

Para Carraud, tal constituição apresenta um aspecto que interessa bastante a Pascal: realçar a parcialidade dos filósofos, “que são capazes apenas de ver ou a grandeza ou a miséria, mas não podem pensar nos dois ao mesmo tempo” (2007, p. 238) [tradução nossa]². Portanto, a primeira antropologia permite um desafio imediatamente apologético, que é mostrar a impotência das filosofias de explicar o homem e, conseqüentemente, liberar a única solução, a verdadeira religião. O alicerce da apologética pascaliana consiste em constatar o insucesso das filosofias e em mostrar a maior potência teórica da verdadeira religião.

Já na segunda antropologia, consoante Carraud, foi feita uma caracterização apenas negativa e o objetivo era mostrar que as reflexões de Pascal que não se encaixariam na problemática secular da verdadeira religião, fossem renovadas. O que foi empregado como critério da primeira antropologia permite fazer um esquema da caracterização negativa dessa segunda antropologia para o fato de que as reflexões pascalianas, e aqui o autor se baseia em Emmanuel Martineau, se alicerçam em quatro temas fundamentais, que fazem com que Pascal, “pela primeira vez na história da filosofia” (p. 240 – tradução nossa), pense a existência humana por ela mesma: glória, imaginação, justiça, força e *divertissement*.

Para Carraud, as descrições da segunda antropologia não seguem nenhum princípio teológico. Dessa maneira, o *divertissement* não é mais

2 Talvez o filósofo Friedrich Nietzsche seja uma exceção: “A fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria, em forma de enigma, que como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço. Essa dupla ascendência, como que do mais elevado e do mais rasteiro degrau da vida, a um tempo *décadent* e começo – isso explica, se é que algo explica, tal neutralidade, tal ausência de partidarismo em relação ao problema global da vida, que acaso me distingue.” (2008, p. 21)

visto como se opondo à conversão, o mundo não se opõe mais a Deus. Os mesmos temas da segunda antropologia são profanos. A dualidade, *divertissement*-conversão nunca foi apontada pelo próprio Pascal, mas por seus estudiosos (Carraud, 2007, p. 242).

Aqui vale pontuar alguns conceitos de Pascal sobre a condição humana, a insuficiência, o medo da morte e a distração, bem como a saída que ele indicou para o ser humano diante desses dilemas.

Para Pascal, a condição humana depende de um sistema de alienação contra a profunda consciência da insuficiência como miséria. A insuficiência, para o filósofo, pode ser vista como corruptibilidade e inconstância. A condição humana é constituída de um estado de fraqueza e desordem, a carne é corrompida, e os homens se deixam levar pelos sentidos e apresentam uma inclinação para o mal desde o nascimento.

O filósofo considera o coração um poço de mistério, o que leva o ser humano a frequentemente ocultar o verdadeiro motivo de suas atitudes e tudo o que ele fizer não será um ato gratuito, mas sempre objetivará a consideração social, a glória, o lucro. Por conseguinte, os bons sentimentos serão vãos e mentirosos, e a virtude, preguiçosa e mesquinha. Como pensador da condição humana, via a relação do ser humano consigo mesmo, com a sociedade, com o outro.

A insuficiência decorre a partir do pecado original, que faz com que a existência humana se distancie de Deus; a insuficiência é desgraça. Trocando em miúdos, ao viver somente na natureza, o ser humano é um ser em desgraça quando, na verdade, deveria alicerçar-se na dimensão so-

bre natural. Por conseguinte, ao viver sua insuficiência mística ou primária na natureza, crava a sua falência geral. E o que é a natureza para Pascal? Ela é algo desproporcional ao ser humano, que deseja apegar-se a ela. Ao fazer isso, ele se perde entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. A única coisa que ele sabe a respeito da natureza é que há uma desproporção entre ambos. Uma vez que o homem, em decorrência do pecado original, só vê dentro de si ausência de algo substancial que lhe possa transmitir alguma verdade, ele se torna um boneco de algo enganador e será aí que a imaginação atua de modo a ditar seus desejos e decisões e o faz cair em uma felicidade inconsistente e vã.

O medo da morte, para Pascal, é posto em oposição à atitude humana de optar pelo *divertissement*. Em sua perspectiva, uma vez que os homens não conseguiram curar a morte³, a miséria e a ignorância, decidiram, para ficarem felizes, não mais pensar nisso.

Consoante Pascal, nossa vida é atravessada pelas paixões diversas, e nossa alma, por conta disso, se dilacera. O *divertissement*, pois, subtrai a nós mesmos e absorve nossa alma em ocupações frívolas e estéreis. Uma vez que o ser humano é rodeado de suas contínuas misérias, ele possui um instinto secreto de procurar o *divertissement* e a ocupação externa.

Destacamos os maços 170 e 171, da obra *Pensées*, em que Pascal faz referências ao *divertissement*. No primeiro maço, se o homem fosse feliz, ele seria, na mesma proporção, menos desviado, como os santos e Deus. Uma vez que o *divertissement* vem de fora, o homem é dependente

³ Curar a morte? É o título do artigo da filósofa Jacqueline Lagrée, publicado na primeira parte do Dossiê Filosofia e Saúde (2021) inspirado no pensamento pascaliano.

da exterioridade o que o torna sujeito a mil acidentes, que tornam as aflições inevitáveis.

Já no maço 171, o filósofo escreve que, ao mesmo tempo que o *divertissement* nos consola de nossas misérias, ele é a maior de nossas misérias. O *divertissement* é o que nos impede, sobretudo, de pensar em nós mesmos e nos faz perder de nós mesmos de maneira insensível. Sem ele, cairíamos no *ennui*, o qual nos impulsionaria a procurar um meio mais firme para sairmos dele. Ao mesmo tempo, o *divertissement* nos diverte e faz com que cheguemos à morte, sem que o percebamos.

Cabe reproduzir o conceito de *ennui* para Pascal, que seria o seguinte: “Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem ter o que fazer, sem *divertissement*, sem se aplicar a algo. Então ele sente o seu nada, o seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio.” (PASCAL, s/d, p. 388). [tradução nossa]

Por conseguinte, ao nos debruçarmos sobre a descrição pascaliana da condição humana, temos a tendência a pensar que o homem não tem saída. Não obstante, o filósofo vai sugerir a busca de Deus pelo ser humano e, assim, sua salvação se daria por meio de Jesus, que seria o intermediador do reencontro do ser humano com Deus. Apesar de Pascal achar que a humanidade tenda para o mal, que a grandeza e a miséria humanas estejam sempre ligadas, ele ainda acredita na salvação do homem decaído. Existe salvação para o ser humano desde que ele se assuma como um ser em desgraça quando está afastado de Deus.

2. Doença e jansenismo em Blaise Pascal

Pascal teve uma saúde cronicamente frágil. Desde os 18 anos, ele é acometido de moléstias que o fazem padecer todos os dias. Em 1647, sofre um ataque de paralisia que o obriga a usar muleta por longo tempo. Ele sofre de contínuas dores de barriga; os pés e as pernas estão quase sempre frios, o que o obriga a usar meias embebidas em aguardente. Suas dores de cabeça e de dentes são lancinantes. Haverá épocas em que só poderá alimentar-se de líquidos.

A fim de cuidar melhor da saúde, muda-se para Paris. Embora apresente melhoras, seu sistema nervoso está bastante abalado. Sua frágil saúde lhe provoca a hipocondria, o que compromete seu comportamento e relacionamento. Ele se torna irritadiço, ríspido, calado; tem acessos de cólera e quase não sorri.

Lucien Jerphagnon (1921-2011), no livro *Pascal et la souffrance* (1956), citado por Calçado, escreveu que “Pascal pode ter herdado de sua mãe uma natureza fraca e doentia, além de um sistema nervoso abalado” (Jerphagnon *apud* Calçado, 2012, p. 108). No século XVII, é igualmente importante lembrar que era costume vincular as enfermidades às crenças da época. Embora o racionalismo já se fizesse presente, as crendices e as religiões, consoante Calçado, influenciavam o imaginário coletivo e “sua relação com o corpo humano. A ligação entre o divino e o humano, o natural e o sobrenatural em questões de saúde a doença estará presente desde o primeiro ano da vida de Pascal” (p. 108-109).

No começo de 1659, quando o sofrimento atingiu o ápice, Pascal precisava achar um sentido para seu estado. Buscando as causas, como filósofo, escreveu *Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças*. Nas palavras de Thiago Calçado (2012): “Trata-se da oração um crente. Aqui, o filósofo e o cristão Pascal se encontram, sendo impossível dissociá-los” (p. 127). Reproduzimos um trecho dessa oração:

Vós me destes a saúde para vos servir, e eu fiz dela um uso profano. Vós me enviastes agora a doença para me corrigir: não permitais que eu a use para vos irritar pela minha impaciência. Usei mal minha saúde, e vós me punistes justamente. Não sofraís que eu empregue mal vossa punição. E uma vez que a corrupção de minha natureza é tal, que ela me faz favores perniciosos, fazei, ó meu Deus, que vossa graça todo-poderosa me conceda vossos castigos saudáveis. Se eu tivesse tido o coração cheio da afeição do mundo durante o tempo em que ele teve algum vigor para minha saúde, e tornai-me incapaz de usufruir do mundo, seja pela fraqueza do corpo, seja pelo zelo da caridade, para que eu possa usufruir apenas de vós. (PASCAL, ŒUVRES COMPLÈTES, 1963, p. 362). [tradução nossa].⁴

Tendo vivenciado uma existência marcada pela enfermidade, não há como negar que a doença teve uma forte influência no pensamento pascaliano. Contudo, não podemos equacionar doença – religião – reflexões. Pascal foi além disso. Considerando que foi influenciado pelo jansenismo, aqui cabe uma resumida perspectiva de como se deu o contato do filósofo com esta corrente do cristianismo.

Blaise Pascal e sua família foram convertidos ao jansenismo quando o pai de Pascal, Étienne, no inverno de 1646, aos 58 anos de idade, quebrou o quadril ao escorregar e cair em uma rua gelada de Rouen. O pai teve assistência de dois médicos jansenistas por três meses. Durante

⁴ Inserimos nas referências uma tradução recém-publicada (2021) desta Oração.

esse tempo, eles se tornaram amigos próximos da família. Esses médicos emprestaram livros sobre o jansenismo. Uma das obras era *Discurso sobre a reforma interior do homem*, escrito por Cornelius Jansenius. O filósofo fica impressionado com o texto, que ele relê e, posteriormente, começa a ter atitudes religiosas que estão de acordo com as orientações jansenistas.

Para o jansenismo, a natureza humana é má e miserável, desprezível e egoísta, escrava dos instintos, com tendência para o mal. Segundo Jansenius, após a queda do homem por conta do pecado original, a vontade humana, desprovida da graça divina, só pratica o mal. Para tanto, o ser humano, a fim de salvar-se, necessita ser socorrido pela graça. Pascal se identificará com o jansenismo. Trocando em miúdos, a concepção jansenista e pascaliana do ser humano e do mundo é destituída de uma visão generosa e sã do universo. Pascal constata no ser humano incoerências e contradições trágicas e ressaltará o lado vil do ser humano.

Em outubro de 1661, surgiu uma problemática entre Pascal, os jansenistas e a Igreja. A questão refere-se ao fato de que Pascal se opôs ao posicionamento assumido pelo seu antigo grupo de amigos jansenistas, que anteriormente havia lutado para difundir as ideias de Jansenius. Para escaparem da condenação da Santa Sé, queriam assinar um formulário preparado pelo Papa em que condenariam o jansenismo e professariam a pureza de sua fé. Assinar o documento significaria negar tudo o que vinham praticando até então, em outras palavras, ir contra a doutrina da graça eficaz de Santo Agostinho. Deste momento em diante, Pascal se afastou dos jansenistas, mantendo sua posição de se recusar a assinar o

formulário. Em outros termos, preferiu ir contra os companheiros e o formulário a contradizer a si mesmo.

Embora Pascal estivesse bastante dedicado a esse novo tipo de fé, ele continuou suas investigações científicas. Escreveu o ensaio sobre seções cônicas, tratados sobre o equilíbrio dos líquidos, geometria. Ao se mudar para Paris em 1647, prosseguiu com suas experiências sobre o vácuo. Após o falecimento do pai em 1651, passou a levar uma vida mais mundana. Foi quando ele conheceu os teóricos da *honnêteté*, ou da conduta de cavalheiros, de Méré e Damien Mitton. O interesse de Méré por jogos de azar fez com que Pascal passasse a estudar a teoria das probabilidades.

Pascal morre em 19 de agosto de 1662, aos 39 anos. É relevante reproduzir um trecho da biografia escrita por Marguerite Périer, sobrinha de Pascal, em que ela relata a causa da morte do filósofo:

Estômago e fígado alterados, intestinos gangrenados, sem que se possa ter julgado precisamente se tal fora a causa das dores das cólicas ou se efeito. Mas o que houve de mais especial foi a abertura da cabeça, descobrindo-se que o crânio não tinha nenhuma outra sutura além da sagital; o que aparentemente causara fortes dores de cabeça às quais ele esteve sujeito durante toda sua vida. É verdade que já tivera a sutura que se chamava fontanela. Mas, uma vez que esta ficou aberta por muito tempo durante sua infância, como acontece amiúde nessa idade, e não se fechou, formara-se um calo que a cobrira por inteiro, calo tão considerável que podia ser facilmente palpado. Quanto à sutura coronal, não havia vestígio algum dela. Os médicos observaram que havia prodigiosa abundância de miolos, cuja substância era tão sólida e condensada que os levou a considerar que, não se tendo fechado a fontanela, a natureza teria assim provido à compensação, motivo este ao qual se atribuiu particularmente sua morte e os últimos acidentes que a acompanharam; viu-se que, por dentro do crânio, em relação com os ventrículos do encéfalo, havia duas impressões, como se fossem de um dedo na cera, que estavam cheias de um sangue coagu-

lado e corrompido que começara a avançar sobre a dura-máter. (PÉRIER apud CALÇADO, 2012, p. 123-124).

É como Calçado escreveu: “(...) a relação entre a enfermidade e a religião, a afirmação da vida e o sentido teológico do sofrimento são temas centrais para a compreensão dessa temática” (2012, p. 19).

Em vez de se desviar do sofrimento, o filósofo preferiu encarar um sofrimento que se manifestava psíquica, afetiva e emocionalmente, acrescido da própria dor física. Coerente com sua fé, ele escreveu: “(...) Vós me destes a saúde para vos servir, e eu fiz dela um uso profano. Vós me enviastes agora a doença para me corrigir: não permitais que eu a use para vos irritar pela minha impaciência. Usei mal minha saúde, e vós me punistes justamente.” [tradução nossa] (PASCAL, 1963, p. 362).

3. Ciência e transcendência

Pascal, cuja vida foi permeada de todo tipo de doença, dividiu-se entre o campo científico, a filosofia e a teologia. Basta lembrar que ele fez experiências sobre hidráulica e hidrostática, pressão da massa de ar e existência do vácuo. No campo da matemática e da geometria, criou o triângulo aritmético, fez estudos sobre as cônicas, inventou uma máquina de calcular (*Pascaline*), a fim de auxiliar o pai em seu trabalho como coletor de impostos. Comercialmente, o invento foi um fracasso, embora muitos considerem a *Pascaline* uma precursora da máquina de calcular ou mesmo da informática.

Ao mesmo tempo, ele produziu textos filosóficos e teológicos. Há um livro que ele escreveu, *Do espírito geométrico*, que, de acordo com Silva:

Em outras palavras, ele [Pascal] tenta aplicar seus princípios científicos na pesquisa filosófica numa espécie de intercâmbio e interligação entre verdade científica e verdade filosófica, respeitadas as características peculiares de cada uma dessas ciências, de modo particular a de ciência exata da matemática e a de ciência humana da filosofia. (SILVA, 2012, p. 9).

No campo da matemática, no estudo sobre as cônicas, ele deduz uma inovação que será denominada de geometria projetiva. A partir de 1650, ele se volta para o cálculo infinitesimal. Em 1654, escreve o *Tratado do triângulo aritmético*. Ainda no campo da geometria, estudou a dimensão das linhas curvas.

No campo da física, Pascal concentra seus esforços para os líquidos e para o vácuo. No que se refere aos líquidos, o estudioso foi importante para a hidrodinâmica e a hidrostática. Escreve o *Tratado sobre o equilíbrio dos líquidos* e o *Relato da grande experiência sobre o equilíbrio dos líquidos*. Em seu *Tratado sobre o peso da massa de ar*, provou a existência de uma pressão atmosférica. Relativamente ao vácuo, este ocupou uma relevância muito grande nas experiências e pesquisas de Pascal. Na época, acreditava-se que, consoante Silva:

(...) a natureza tem horror ao vazio, portanto, não há qualquer possibilidade de existência do vácuo. Essa teoria do pleno absoluto e, em decorrência da inexistência do vazio, se fundamentava também no pensamento teológico que asseverava ter Deus criado tudo. Ora, o vácuo ou o vazio era equivalente ao nada. Logo, Deus não poderia ter criado o vácuo, ou seja, o nada. Apesar do posicionamento da religião, Pascal aprofundou suas pesquisas e experimentos

sobre o tema (o que lhe granjeou inúmeros inimigos, tanto entre religiosos e clérigos como também entre cientistas que defendiam a teoria do pleno). (SILVA, 2012, p. 38).

Conforme podemos observar, Pascal privilegiou a ciência e sua contribuição foi bastante significativa. Os reveses de saúde por que passou, contudo, aproximaram-no do Transcendente, em que ele buscou na entrega a Deus um meio de sublimar a dor. Considerado um homem da ciência, produziu obras importantes na área da Filosofia e da Teologia.

As considerações filosóficas e teológicas de Pascal fazem com que ele seja considerado um dos maiores pensadores do século XVII. Podemos citar as obras *Do espírito geométrico; Colóquio entre Pascal e De Sacy sobre a leitura de Epicteto e de Montaigne; Três discursos sobre a condição dos grandes; Pensamentos: As Provinciais e Escritos sobre a graça*.

A obra *Três discursos sobre a condição dos grandes*, na opinião de Silva (2012), seria mais propriamente “um enfoque sócio-filosófico” (p. 41) uma vez que Pascal ressalta o aspecto moral no exercício do cargo público. Em *Pensamentos*, ele discorrerá sobre temas relacionados à religião, mas também refletirá sobre a sociedade, a política e a filosofia. Esta obra constitui uma apologia do cristianismo e os temas predominantes são Deus, Jesus Cristo, a alma, a graça e outros temas teológicos.

As *Provinciais* mostram um Pascal polêmico, que contrapõe jansenistas e jesuítas. Estes últimos são criticados de usarem a casuística como um pensamento “complexo para justificar uma moral laxista (SILVA, 2012, p. 42). Nesse texto, Pascal se opõe aos jesuítas, os quais

colocavam a razão acima da fé, enquanto o filósofo francês visava utilizar e submeter a razão para levar à crença.

Francesco Paolo Adorno, na obra *Pascal*, escreveu:

Muito mais importantes são as modalidades segundo as quais Pascal constrói os seus trabalhos científicos: pela ampla utilização de conceitos recorrentes e pelo uso de procedimentos que ultrapassam largamente as necessidades matemáticas e físicas da demonstração, deixam grande espaço para uma interpretação que levem em conta o seu alcance simbólico. (ADORNO, 2008, p. 28).

No século XVII, o alicerce das ciências parte da análise do ser humano e sua constituição em uma antropologia, isto é, o ser humano é dotado de informações que permitem fundar um conhecimento verdadeiro e “explicar como se pode atingi-lo” (Adorno, 2008, p. 33). Ao mesmo tempo, acreditava-se que o conhecimento pode ser modificado pelo “trabalho das paixões” (Adorno, 2008, p. 33) e que, para tanto, era preciso purificar o pensamento de tudo que se originasse do conhecimento sensível.

Pascal, no entanto, não seguindo o pensamento de sua época, não resgatará o discurso sobre as paixões uma vez que para ele não há conflito entre alma e razão. Consoante o pensador, é impossível “modificar o intelecto purificando-o da influência das paixões, pois essa modificação exigiria uma perfectibilidade virtual do homem, ao passo que o pecado original lhe retirou em definitivo toda e qualquer capacidade de progresso” (Adorno, 2008, p. 33).

Em *Escritos sobre a graça*, Pascal reflete sobre a graça divina, explicita suas alegações com base em Santo Agostinho e reflete sobre as

perspectivas de outras correntes do catolicismo e do protestantismo. Nesse sentido, ele discorrerá sobre a graça divina, assunto discutido pelas universidades públicas, católicas e protestantes, bem como pelos intelectuais cristãos (SILVA, 2012, p. 43).

Como apontado por Pondé, em *Conhecimento na desgraça – ensaio de epistemologia pascaliana* (2004, p. 14), “quando alguém estabelece um diálogo com Pascal deve ter em mente o fato de que esta relação atingirá dimensões teológicas”, pois o ser humano é compreendido como um ser sobrenatural e tratar dos problemas humanos é abandonar as fronteiras naturais. “Para Pascal, antropologia e epistemologia são *simplesmente* áreas específicas dentro de um *drama teológico* geral” (2004, p. 14).

Considerações finais

Neste artigo, procuramos abordar a relação de Pascal com a fé e a razão, tendo a doença como um fiel da balança para equilibrar a dicotomia comumente imposta a esses termos. Afastamo-nos de qualquer equação que nos levasse à constatação de que foi a doença que levou o filósofo a aproximar-se de Deus ou que pensou de determinada maneira por conta da doença.

Pascal nos despe e nos coloca diante de algo que, hoje, evitamos: a finitude. E esta é pertinente e todos e a todas. Falar sobre a condição humana é falar sobre aquilo que diz respeito a nós, e isso é a finitude, a

miséria, a vaidade, a concupiscência, conforme anteriormente apontado. O grande mérito de Pascal é que ele refletiu sobre o ser humano naquilo que o caracteriza.

No discurso da Modernidade, tudo é contra a morte, contra o fim, contra o sofrimento, contra o insucesso, e Blaise Pascal vai de encontro a tudo o que se apregoa atualmente. O sofrimento é aquilo que nos iguala. Por maiores e melhores que sejam os artefatos disponibilizados pela tecnologia, a finitude é inerente à condição humana.

Na introdução do livro *Pascal: œuvres complètes* (1963, p. 10), escrita por Henri Gouhier, consta o seguinte trecho:

Trezentos anos após sua morte, o que impressiona na vida e no pensamento de Pascal, é que não é absolutamente necessário vesti-lo segundo a moda da atualidade para reconhecer nele um contemporâneo. Todavia, isso não é o feito dos ‘mestres’? Nós não temos que aproximá-los de nós: somos nós que devemos nos aproximar deles. Nenhuma necessidade de romancear a vida deles ou modernizar sua obra: sigamo-los em uma época que não é mais a nossa para descobrir sua atualidade permanente no meio e mesmo a favor da diferença. [tradução nossa].

Se formos confrontar a abordagem de Pascal com o discurso atual, detectaremos diferenças nas visões de mundo, perceberemos que o filósofo francês nos coloca mais realisticamente diante de nossa condição. Fé, razão, enfermidades e condição humana se tornaram o alicerce do pensamento pascaliano. Esses quatro vieses vão permear uma visão de mundo que muitos consideram pessimista, mas que aqui temos como uma visão não idealizada do ser humano.

Pascal nos abre a perspectiva de pensarmos o ser humano – um ser vivente racional, mortal –, com certa autonomia uma vez que nos é permitido ter uma visão realista da nossa condição.

Perscrutar as enfermidades de Pascal não nos limita a pontuar que elas é que o aproximaram de Deus. O que percebemos é que são nossas fragilidades (doença, finitude, miséria, decadência) que nos igualam e, ao mesmo tempo, o que nos remete para a nossa própria condição. A grandeza, a qual o filósofo vincula à miséria, só pode ser alcançada mediante a busca de Deus. É importante ressaltar que o autor de *Pensamentos* lida com a doença sem colocar a culpa em Deus. Concomitantemente, ao se referir ao cristianismo, em um discurso bastante apologético, ele se debruça sobre a tradição cristã e não sobre a instituição religiosa e talvez seja isso que nos dê maior autonomia para refletirmos nossa condição.

Blaise Pascal, cientista, filósofo, teólogo e escritor, nos mostrou como aceitar e conviver com o sofrimento e filosofou a partir de sua experiência e pensar religiosos. Do ponto de vista de uma Filosofia da Saúde, Pascal nos traz ensinamentos com desdobramentos possíveis nas ciências da saúde – na compreensão de seu alcance e de seus limites, no cuidado e na assistência em saúde.

Pascal nos ensina a olhar para a nossa condição – a humana –, que, longe de ser um triunfo, se revela como um desafio, pois somos mortais e temos muita dificuldade para aceitar isso, o que se faz muito presente nas Ciências da Saúde, quando o horizonte é vislumbrado como de um ser humano cada vez mais longevo e reagindo com estranheza frente

ao seu perecimento, como se isso não fizesse parte de nossa condição. Por outro lado, é exatamente quando um paciente se encontra nesse lugar de perecimento, quando, do ponto de vista técnico, não há mais nada a fazer, que ele e os profissionais de saúde se deparam com a própria condição – a humana, restando-lhes o desafio de pensar sobre ela e assumir outra postura diante do processo para a morte. Afinal, entre a escassez de possibilidades técnicas e a morte propriamente dita, existe algo: a vida.

Ele nos ensina ainda a experienciar e compreender a doença não como um mal em si, mas percebendo que ela pode nos permitir o olhar sob outras perspectivas, aquelas impossíveis de serem olhadas em outras situações. Nesse momento em que somos confrontados com nossos limites podemos submergir ou nos fortalecer, o que depende do como compreendemos a doença e vivenciamos o adoecimento.

Pascal nos ensina que a espiritualidade, no momento da doença, pode ser mais do que simplesmente uma “alavanca” para sua superação, e sim a possibilidade do encontro do ser humano consigo mesmo.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Francesco Paolo. PASCAL. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

ATTALI, Jacques. Blaise Pascal ou le génie français. Librairie Arthème Fayard, 2000.

CALÇADO, Thiago. O sofrimento como redenção de si: doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal. São Paulo: Paulus, 2012.

CARRAUD, Vincent. Pascal: des connaissances naturelles à l'étude de l'homme. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2007.

COUTINHO, Afrânio. A filosofia de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1940.

LAGRÉE, Jacqueline. Curar a morte? Trad. Alessandro de Lima Francisco. *PoliÉtica*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 118-137. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/55091/35766>>. Acesso em: 04 Out. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PASCAL, Blaise. Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças. Trad. José Rafael Solano Durán. Curitiba : PUCPRESS, 2021. Disponível em : <https://identidade.pucpr.br/webapp/assets/images/instituto_ciencia_e_fe/upload/file28369_oracao-para-pedir-a-deus-o-bom-uso-das-doencas-final.pdf>. Acesso em 21 set. 2021

_____. Pensamentos. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

_____. Pensées et opuscules. Paris: Librairie Hachette, s/d.

_____. Œuvres complètes. The Macmillan Company, 1963.

PONDÉ, Luiz Felipe. Conhecimento na desgraça – ensaio de uma epistemologia pascaliana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Antonio G. da. Pascal: cientista e filósofo místico. São Paulo: Lafonte, 2012. – (Coleção pensamentos & vida; vol. 9).